

## **Sem as reformas necessárias, Brasil se mantém entre os países menos competitivos do mundo**

*EUA voltam ao topo da lista, seguido por Hong Kong e Cingapura, China é destaque com ganhos de 5 posições*

Em 2018, o Brasil ganha uma posição ocupando agora a 60ª colocação dentre as 63 nações avaliadas no Anuário de Competitividade Mundial 2017 (World Competitiveness Yearbook – WCY). Completando sua 30ª edição no ano de 2018, o estudo é publicado pelo IMD (International Institute for Management Development), com sede na Suíça, em parceria com a Fundação Dom Cabral (FDC).

Os Estados Unidos retornam ao topo do ranking, posto que no ano de 2017 foi ocupado por Hong Kong, atualmente na 2ª posição. Como destaque positivo o relatório de 2018 evidencia o crescimento competitivo da China que ganha 5 posições, alcançando o posto de 13º lugar.

WCY 2018	País	WCY 2017	Varição	WCY 2018	País	WCY 2017	Varição
1	EUA	4	+3	33	Portugal	39	+6
2	China Hong Kong	1	-1	34	Polônia	38	+4
3	Singapura	3	-	35	Chile	35	-
4	Holanda	5	+1	36	Espanha	34	-2
5	Suíça	2	-3	37	Eslovênia	43	+6
6	Dinamarca	7	+1	38	Cazaquistão	32	-6
7	Emirados Árabes	10	+3	39	Arábia Saudita	36	-3
8	Noruega	11	+3	40	Letônia	40	-
9	Suécia	9	-	41	Chipre	37	-4
10	Canadá	12	+2	42	Itália	44	+2
11	Luxemburgo	8	-3	43	Indonésia	42	-1
12	Irlanda	6	-6	44	Índia	45	+1
13	China Continental	18	+5	45	Rússia	46	+1
14	Catar	17	+3	46	Turquia	47	+1
15	Alemanha	13	-2	47	Hungria	52	+5
16	Finlândia	15	-1	48	Bulgária	49	+1
17	Taiwan	14	-3	49	Romênia	50	+1
18	Áustria	25	+7	50	Filipinas	41	-9
19	Austrália	21	+2	51	México	48	-3
20	Reino Unido	19	-1	52	Jordânia	56	+4
21	Israel	22	+1	53	África do Sul	53	-
22	Malásia	24	+2	54	Peru	55	+1
23	Nova Zelândia	16	-7	55	Eslováquia	51	-4
24	Islândia	20	-4	56	Argentina	58	+2
25	Japão	26	+1	57	Grécia	57	-
26	Bélgica	23	-3	58	Colômbia	54	-4
27	Coreia do Sul	29	+2	59	Ucrânia	60	+1
28	França	31	+3	60	Brasil	61	+1
29	República Checa	28	-1	61	Croácia	59	-2
30	Tailândia	27	-3	62	Mongólia	62	-
31	Estônia	30	-1	63	Venezuela	63	-
32	Lituânia	33	+1				

Figura 1: Classificação geral do Índice de Competitividade Mundial 2018  
Fonte: IMD Competitiveness Yearbook 2018

Celebrando 30 edições desde sua primeira publicação, em 1989, o IMD chama atenção para países que se destacaram ao longo dos anos seja positiva ou negativamente. À época em que o Goldman Sachs publicou o seu famoso relatório ‘Dreaming with Brics: The path to 2050’, a China ocupava apenas a 26ª posição. Em 2018, fruto de reformas institucionais e estruturais e de uma consistente política de desenvolvimento humano e tecnológico, o país chega à 13ª posição.

O Brasil, por outro lado, citado pelo IMD como “um país que atraiu muita atenção devido ao seu tamanho e potencial econômico” ocupava em 2001 a 40ª posição e chega a 2018 no 60ª lugar. Os outros BRICS – Rússia e Índia também não avançaram de maneira significativa em 2018. A Rússia ocupa a 45ª posição tendo caído do 38º lugar, sua melhor posição em 2014. A Índia e África do Sul tem se mantido estáveis ao longo dos anos e, em 2018, aparecem na 44ª (depois de ter chegado ao 41º lugar em 2016) e 53ª posição respectivamente.

Outros países com posições destacadas ao longo das 30 edições do anuário são o Japão e os EUA. O Japão, que ocupava o 1º lugar na primeira edição do relatório em 1989, caiu para a 24ª posição em 1998 fruto da estagnação da economia e o colapso dos preços dos ativos na chamada década perdida. Na década seguinte o Japão volta a ganhar posições chegando ao 17º lugar em 2008, posições que foram perdidas ao longo dos últimos dez anos chegando em 2018 no 25º lugar. Os fatores críticos para a competitividade japonesa em 2018 são associados ao

envelhecimento da população, alto grau de endividamento do governo e perda da capacidade empreendedora.

Os EUA, por outro lado, se mantêm nas primeiras posições ao longo das 30 edições. Ocupando a 2ª posição em 1998 chega a 1º lugar. A economia norte americana se sustenta como a mais competitiva do mundo se destacando pelo ambiente favorável à atividade empresarial e ao empreendedorismo com fácil acesso a mão de obra altamente qualificada, a capital em uma cultura favorável à pesquisa, desenvolvimento e inovação com fácil acesso aos mercados doméstico e internacional.

A série histórica do relatório mostra assim as dinâmicas de longo prazo da competitividade que se reforçam em ciclos virtuosos ou viciosos, ainda que cada nação tenha sua combinação própria de fatores para se tornar competitiva.

## O Brasil no World Competitiveness Yearbook 2018



Figura 2. O Brasil no World Competitiveness Yearbook 2010 – 2018  
Fonte WCY 2010-2018, compilação autores

Sem promover as reformas necessárias, em um ambiente de alta turbulência política e incerteza econômica, o Brasil em 2018 volta a perder oportunidades importantes para avançar nos rankings globais de competitividade. O ganho de uma posição em relação a 2017 se deve a uma mudança positiva no PIB e ao momento em que os dados qualitativos foram coletados. Não houve avanços significativos da competitividade brasileira. Apesar disto, como destacado anteriormente, o Brasil se mantém para os investidores estrangeiros entre os países com melhor perspectiva de investimento futuro.

Na pesquisa de opinião realizada anualmente junto à comunidade empresarial atuante no país os respondentes destacaram que o principal fator de atratividade do país é o dinamismo da economia, seguido de atitudes positivas e a abertura. O fator mais crítico para a competitividade brasileira segue sendo a baixa eficiência do governo expressa como “competência do governo”, seguido da cultura relativa à pesquisa, desenvolvimento e inovação. Atitudes e valores que comprometem não apenas a competitividade em 2018, mas o potencial de crescimento futuro da competitividade brasileira. Ver figura 3.

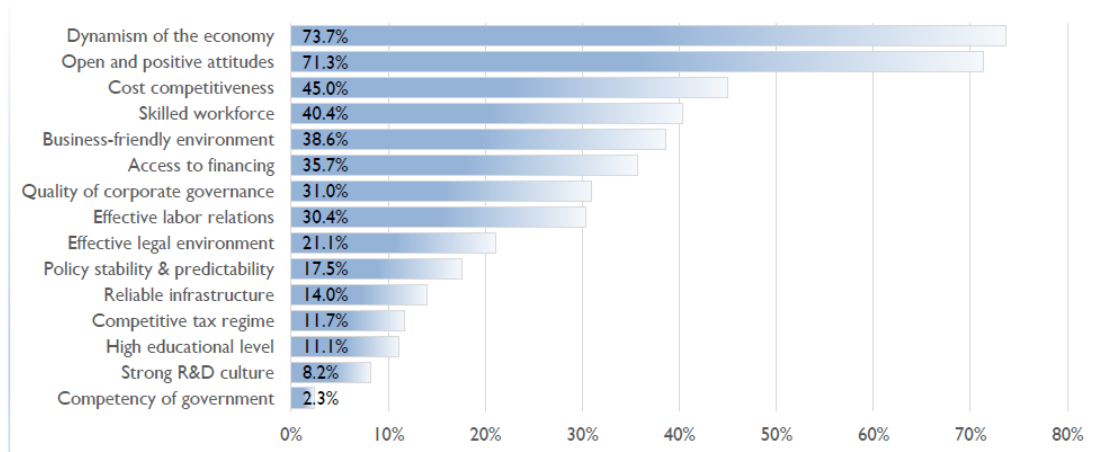


Figura 3. Indicadores de atratividade da competitividade brasileira.  
Fonte: IMD Competitiveness Yearbook 2018

## O Brasil nos quatro fatores de competitividade analisados pelo WCY 2018

Segundo a metodologia de avaliação da competitividade dos países introduzidas pelo IMD em 2001 os países são analisados em quatro fatores de competitividade: performance econômica, eficiência de governo, eficiência empresarial e infraestrutura. Estes quatro fatores agrupam todas as 340 variáveis qualitativas e quantitativas utilizadas. As variáveis qualitativas são fruto de uma pesquisa de opinião realizada anualmente nos 63 países pesquisados. No Brasil, a pesquisa de opinião é realizada pela equipe do Núcleo de Inovação e Empreendedorismo da Fundação Dom Cabral nos meses de janeiro a abril de cada ano, envolvendo mais de cinco mil executivos e empreendedores de diferentes regiões, setores em empresas de diferentes portes.

Segundo a metodologia adotada pelo WCY 2018, o posicionamento do Brasil é analisado em cada uma das variáveis, subfatores e fatores de forma absoluta e relativa aos demais países. A figura 4 apresenta a posição do país nos fatores e subfatores em 2018 e 2017.

Cenário Competitivo	Posição 2017	Posição 2018	Varição
<b>Desempenho da Economia</b>	59	54	+5
Economia Doméstica	58	50	+8
Comércio Internacional	54	50	+4
Investimento Internacional	23	23	-
Emprego	50	48	+2
Preços	59	43	+16
<b>Eficiência do Governo</b>	62	62	-
Finanças Públicas	63	63	-
Política Fiscal	40	40	-
Estrutura Institucional	61	61	-
Legislação dos Negócios	62	61	+1
Estrutura Social	62	62	-
<b>Eficiência Empresarial</b>	49	50	-1
Produtividade e Eficiência	60	59	+1
Mercado de Trabalho	42	35	+7
Finanças	42	41	+1
Práticas Gerenciais	41	53	-12
Atitudes e Valores	43	54	-11
<b>Infraestrutura</b>	51	52	-1
Básica	56	55	+1
Tecnológica	51	48	+3
Científica	41	41	-
Saúde e Meio-Ambiente	38	38	-
Educação	55	60	-5

Figura 4: O Brasil nos fatores e subfatores de Competitividade (2017-2018)  
 Fonte: IMD Competitiveness Yearbook 2017 e 2018

## Desempenho da Economia

O fator Desempenho Econômico que apresentou piores gradativas no período de 2011 a 2017, volta em 2018 a apresentar uma melhora de cinco posições. A subida para a 54ª posição (figura 5) é justificada pelo aumento em quatro dos cinco subfatores (economia doméstica, comércio internacional, emprego e preços) com destaque para os indicadores de variações nos preços e no custo de vida com ganho de 16 posições neste subfator.



Figura 5: O desempenho brasileiro no

econômico WCY 2010-

2018

Fonte: IMD Competitiveness Yearbook 2010 - 2018

No subfator economia doméstica, o crescimento de 5 posições, apesar de favorecido pelo tímido crescimento do PIB em 2017 (1% - o que coloca o Brasil na 60ª posição neste indicador) se deveu principalmente ao otimismo dos analistas e dos executivos entrevistados sobre as perspectivas futuras da economia brasileira. Quando a pesquisa foi realizada, no 1º trimestre de 2018, a expectativa era de que a economia brasileira teria um crescimento de 2,7% em 2018 (fonte Boletim Focos de janeiro de 2018), já em maio o BACEN revisou esta projeção para 2,51% indicando perspectiva de baixa. Para vários analistas brasileiros e estrangeiros a falta de reformas, o baixo grau de investimento em infraestruturas, a baixa produtividade total dos fatores, associados à instabilidade política e turbulências na economia mundial representada pelas recentes decisões tomadas pelo governo norte americano colocam o Brasil em uma condição de risco de estar iniciando mais um “voo de galinha” no que se refere ao crescimento do PIB<sup>1</sup>.

O relatório trata de forma separada alguns dos indicadores econômicos que são instrumentos do governo para promoção do crescimento tais como a taxa de juros de longo prazo, câmbio, reservas monetárias, entre outros. Estes indicadores aparecem no fator eficiência do governo associados ao subfator “framework institucional”. Merece destaque o fato de o país ser colocado na última posição nos indicadores de taxa de juros real de curto prazo (9,64 desconto real/taxa bancária) e de spread de juros (com taxa média de 38,4%). Na 51ª posição no indicador de rating do país (55.5 pontos na escala de 1 a 100 do Institutional Investor Magazine) e na 10ª posição no volume de reservas internacionais (US\$ 373,97 bilhões).

Um dos fatores que caracterizam positivamente a competitividade brasileira continua sendo a sua capacidade de atrair a atenção de investidores estrangeiros. Visto pelos entrevistados como uma economia dinâmica com grande potencial de retorno – seja pelo tamanho do mercado doméstico, seja pelo potencial de influência regional – o subfator ‘Investimento Internacional’ tem se mantido estável. Com um volume de investimentos diretos em 2017, acima de US\$70 bilhões (7º no ranking do WCY 2018), o país acumula reservas de investimentos diretos acima de US\$ 625 bilhões (12º no WCY 2018).

A capacidade de atrair investimentos diretos não resulta em um crescimento significativo da participação do comércio internacional na formação do PIB. O país aparece na última posição no indicador *trade to GDP ratio* com 11,78% do PIB. Apesar disto, o volume exportado em 2017, US\$60,3 bilhões, coloca o país na 8ª posição neste ranking, sendo o 26º país no índice de percentual das exportações mundiais com 1,05%, mesma posição que o país ocupa no indicador de exportações de produtos com maior valor agregado (high-tech exports, 13,45% das exportações de produtos industriais). O subfator ‘Emprego’ apresentou tímidas melhoras. O Brasil, apesar do alto índice de desemprego (12,7%) que o coloca na 58ª posição (3 posições abaixo do em 2016), apresenta melhoras na oferta de emprego (0,96% de crescimento em 2017 em relação a 2016) ficando na 40ª posição. Um sinal positivo foram os avanços de 3 e 7 posições nos indicadores qualitativos (opinião da comunidade empresarial) que avaliam a legislação trabalhista. Como a pesquisa foi realizada no primeiro trimestre de 2018, é bem provável que o impacto da reforma na legislação trabalhista ainda não tenha sido totalmente absorvida tanto

---

<sup>1</sup>OCDE, Relatórios econômicos do Brasil 2018: Construindo um Brasil mais próspero e produtivo Valor, 07/05/2018 Gustavo Loyola, Eleições e crescimento econômico.  
FT, 05/05/2018 Brazil’s economy: from zombie to walking dead

por empregados quanto por empregadores. Apesar dos avanços, o país ainda aparece na 59ª posição na avaliação dos executivos no que se refere à legislação trabalhista.

O último subfator analisa os custos de vida e variações nos preços para as famílias e para a atividade produtiva. A diminuição da inflação em 2017 (3,45% - 48ª posição; 8,74% - 59ª posição em 2016), o índice de custo de vida comparado ao de Nova York (83,60 – 48ª), assim como os custos de aluguel (38ª posição quando comparado com os custos de aluguel de um apartamento de 3 cômodos em Nova York), de alimentação (15,74% dos gastos médios de uma família – 27ª posição) e mesmo os preços relativos de gasolina (US\$1,18 por litro – 28ª posição) foram critérios que impactaram positivamente o subfator ‘preços’, que avançou 16 posições, passando da 59ª para a 43ª posição.

Apesar das perspectivas otimistas sobre o crescimento do PIB, já comentadas anteriormente, as demais projeções para 2018 seguem preocupantes. Quando perguntados sobre quais perspectivas para o desemprego, inflação e balanço da conta corrente, os entrevistados sugerem percentuais na ordem de 11,5% para desemprego, 4% para inflação e -1,5% para o balanço da conta corrente em 2018, projeções estas que colocam o Brasil respectivamente nas posições 55, 54 e 44 do relatório.

Indicador crítico para as expectativas futuras da competitividade brasileira é a necessidade de mais investimentos. A formação bruta de capital, ainda que significativa em valores absolutos US\$339,5 bilhões, é a 60ª do mundo em seu valor relativo ao PIB (15,6%). Aliados aos níveis de poupança muito baixos 16,5% (56ª posição) e balanço de contas correntes negativos (0,47% do PIB – 39ª posição), os instrumentos disponíveis para o governo são os controles dos gastos públicos e a atração de investimentos estrangeiros. O primeiro está atrelado a reformas importantes como da previdência. Já o segundo, apesar das perspectivas positivas, já apontadas, precisariam dobrar ou triplicar para ter efeitos significativos no curto e médio prazos.

### **Eficiência do Governo**

O fator eficiência de governo é composto por cinco subfatores: finanças públicas, política fiscal, estrutura institucional, legislação de negócios e estrutura social. Todos estes subfatores se mantiveram estaveis em 2018, exceto o fator legislação dos negócios que perdeu uma posição. Mas o que caracteriza este fator em praticamente todas as variáveis analisadas é o fato que o Brasil se posiciona entre os piores países do mundo.

Como mostra a figura 6 abaixo, o Brasil segue uma trajetória de perdas de competitividade neste fator desde 2010. Ocupa atualmente a penúltima posição do relatório à frente apenas da Venezuela.



Figura 6: A eficiência do governo brasileiro no WCY 2010-2018  
 Fonte: IMD Competitiveness Yearbook 2010 - 2018

A equipe de professores e pesquisadores do Núcleo de Inovação e Empreendedorismo da FDC teve a oportunidade de analisar estes fatores com diferentes representantes dos governos federais, estaduais e municipais em diferentes iniciativas com o propósito legítimo de melhoria das condições brasileiras nestes indicadores. Nossa conclusão é que não faltam iniciativas nem pessoal qualificado para reverter este quadro.

A grande barreira para o avanço da eficiência de governo é, possivelmente, a falta de continuidade e a integração das diferentes iniciativas. Precisamos de uma estratégia de país implementada de forma comprometida em ciclos longos de transformação envolvendo não apenas os poderes executivos e legislativo, mas também o poder judiciário, as empresas e a sociedade civil.

Em um ambiente político turbulento, o foco se volta para as decisões e manobras judiciais e para as denúncias sobre corrupção. As reformas necessárias como no sistema previdenciário foram adiadas e as ações firmes de controle dos gastos públicos e investimentos estruturais ficaram para o próximo governo. Os destaques no ano foram a reforma trabalhista que ainda não resultou em impactos positivos como já destacamos, e a confiança da comunidade empresarial nas decisões de corte de juros tomadas pelo Banco Central. Como o ruim pode ficar ainda pior, os indicadores de eficiência nos gastos públicos colocaram o país na última posição no indicador de gastos gerais do governo em relação ao PIB (74%), na posição 56 no indicador de crescimento da dívida pública (8,48%) ambos com perda de 15 posições em um único ano.

### **Eficiência Empresarial**

Ao longo das 30 edições do World Competitiveness Yearbook o Brasil tem apresentado uma característica bem peculiar, qual seja: o país é mais competitivo nos indicadores de eficiência empresarial do que nos indicadores de governo. Esta característica é aparentemente disfuncional tendo em vista a definição de competitividade adotada pelo IMD que são as condições que um país oferece para que suas empresas sejam capazes de competir internacionalmente.

Como mostra a figura 7, também neste fator o país apresenta tendência negativa com perda de mais uma posição relativa.





Figura 7: Resultado do Brasil em Eficiência Empresarial (2010-2018)  
 Fonte: IMD Competitiveness Yearbook 2018

O fator eficiência empresarial é também composto por cinco subfatores: produtividade e eficiência, mercado de trabalho, finanças, práticas gerenciais e atitudes e valores. Todos eles, como mostra a figura 8 tiveram variações em 2018.

	2017	2018	Variação
<b>Eficiência Empresarial</b>	49	50	-1
Produtividade e Eficiência	60	59	+1
Mercado de Trabalho	42	35	+7
Finanças	42	41	+1
Práticas Gerenciais	41	53	-12
Atitudes e Valores	43	54	-11

Figura 8: O Brasil nos subfatores de Eficiência Empresarial (2017-2018)  
 Fonte: IMD Competitiveness Yearbook 2018

### O fator mais crítico

Dentre as práticas gerenciais, destaca-se a queda de 28 posições na rapidez das companhias (estando na 48ª posição) e de 15 posições na habilidade dos conselhos corporativos em administrar efetivamente suas firmas (ocupando a 51ª). Quanto às atitudes e valores, a percepção é de que reformas econômicas e sociais são necessárias – o país encontra-se na 63ª posição, caindo 7 colocações – assim como uma transformação tecnológica (o país ocupa a 56ª posição). Por fim, destaca-se também a queda de 12 posições no índice de risco financeiro o que faz o Brasil ocupar a 45ª posição no ranking. Sobre o avanço significativo de 7 colocações no ítem mercado de trabalho, ressaltam-se melhorias quanto à motivação dos funcionários e crescimento da população economicamente ativa.

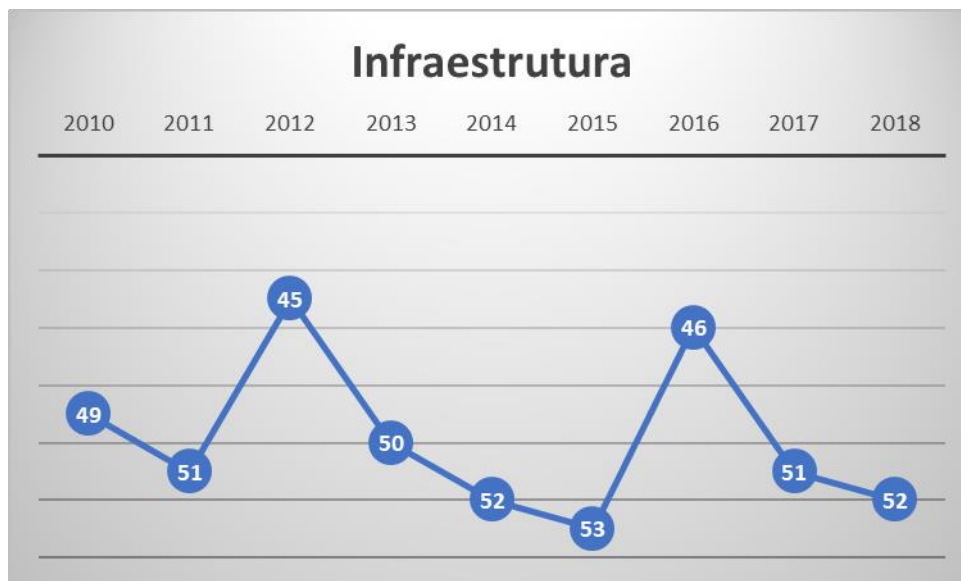
### Infraestrutura

O fator infraestrutura apresenta queda de uma posição e levanta questões importantes que devem ser endereçadas, especialmente no cenário de queda no crescimento populacional. O país ocupa uma das piores posições no critério educação (60ª), o que chama a atenção para o sistema educacional, as habilidades digitais e tecnológicas, assim como o ensino de ciência nas escolas.

O Brasil ocupa a última posição em índices como habilidades linguísticas e a ênfase dada à ciência nas escolas. Não obstante, o país também detém a penúltima posição no ranking em

fatores como habilidades tecnológicas e o sistema educacional. Tudo isso ocorre apesar do país estar entre os 10 países que mais gastam seu PIB com educação (em média, 4,7%).

Ainda quanto à infraestrutura básica do país, melhoras foram alcançadas nos índices de densidade das estradas (subindo 12 posições) o que provavelmente é um reflexo das políticas do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) visto que os dados se referem a 2015. Além disso, o custo da eletricidade industrial também caiu, fazendo o país ocupar a 37ª posição no ranking. No entanto, o subfator necessita atenção, principalmente em relação à infraestrutura de distribuição, na qual o Brasil está entre as últimas posições do ranking. Segundo estudo realizado pelo Professor Paulo Resende, da FDC, a redução de investimentos em infraestrutura de transportes no Brasil levou à desvalorização do estoque de infraestrutura de transporte, indo de 21,4% do PIB para 12,1% em 2016<sup>2</sup>.



Resultado do Brasil em Infraestrutura (2010-2018)  
Fonte: IMD Competitiveness Yearbook 2018

### Sobre o IMD

IMD (International Institute for Management Development) é uma escola de negócios renomada, reconhecida como a especialista em desenvolvimento de líderes globais através de educação executiva de alto impacto.

### Sobre a Fundação Dom Cabral

A Fundação Dom Cabral é uma escola de negócios brasileira que há mais de 40 anos tem a missão de contribuir para o desenvolvimento sustentável da sociedade, por meio da educação, capacitação e desenvolvimento de executivos, empresários e gestores públicos.

Circulam anualmente pelos seus programas de educação executiva mais de 25 mil executivos de empresas e organizações de pequeno, médio e grande porte do Brasil e de vários países, por meio de suas unidades próprias em Nova Lima, Belo Horizonte (MG), São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ), e por meio de seus 25 associados regionais, presentes em quase todos os Estados do país.

<sup>2</sup> O Globo Online, 18/05/2018. Expansão da infraestrutura é chave para crescimento.

No campo social, a FDC desenvolve iniciativas de desenvolvimento, capacitação e consolidação de projetos, líderes e organizações sociais, contribuindo para o fortalecimento e o alcance dos resultados pretendidos por essas entidades.

Há um ano, lançou a iniciativa CEOs' Legacy. Esta iniciativa liderada pela FDC reúne CEOs que estão orientados para a construção de legados relevantes e sustentáveis capazes de inspirar pessoas, organizações e sociedade. Mais que ampliar a consciência dos líderes empresariais para essa causa, o CEOs' Legacy mobiliza profissionais para expandir o seu poder de influência e atuar como agentes do progresso na construção de um mundo melhor.

### **Sobre a Metodologia**

O Relatório Internacional de Competitividade do IMD tem sido compilado desde 1989 e se baseia em quatro pilares: “Desempenho Econômico”, “Eficiência do Governo”, “Eficiência Empresarial” e “Infraestrutura”. Para cada pilar, são analisados cerca de 20 subfatores por meio da contabilização de 340 variáveis. As variáveis incluem tanto dados estatísticos quanto de percepção. Os dados estatísticos são indicadores macroeconômicos, cuja fonte são instituições nacionais e internacionais de estatística (como o IBGE no Brasil). São coletados pelo IMD e seus parceiros e possuem peso de 2/3 para o cálculo do ranking. Os dados de percepção são coletados através do questionário de opinião executiva, coletados via uma plataforma online entre gestores de alta escalão das empresas. Com peso de 1/3 na pesquisa, estes dados refletem o julgamento geral do empresariado sobre o país em questão.

No Brasil a pesquisa de opinião está sob a responsabilidade da Fundação Dom Cabral que obteve respostas de 179 executivos brasileiros de diferentes setores, regiões e portes de empresas. A amostra brasileira incluiu empresas de todos os portes e de diversos setores da economia, com o intuito de obter uma representação geral do país.

A pesquisa para o World Competitiveness Report 2018 foi realizada entre os períodos de janeiro a abril e contou com a contribuição de mais de 6.370 executivos nos 63 países pesquisados.

### **Equipe da Fundação Dom Cabral**

Prof. Carlos Arruda – Coordenador do Núcleo de Inovação e Empreendedorismo

Prof. Ana Burcharth – Professora do Núcleo de Inovação e Empreendedorismo

Luana Lott – Pesquisadora do Núcleo de Inovação e Empreendedorismo